

APROVEITA,  
JULIETA!

– poemas –



João Paulo Hergesel

APROVEITA,  
JULIETA!

– poemas –

3.<sup>a</sup> edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2018

Copyright © 2015 by João Paulo Hergesel

---

H545a

Hergesel, João Paulo.  
Aproveita, Julieta! / João Paulo Hergesel. – 3. ed. – Alumínio:  
Jogo de Palavras, 2018. (Coleção Joanhina Platinada).  
60 p. | 14 cm x 21 cm

ISBN 978-85-66626-70-4

1. Literatura brasileira. 2. Poesia.  
I. Título.

CDD: 869.1 | CDU: 821.134.3(81)-1

---

3.<sup>a</sup> edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



**Editora Jogo de Palavras**  
**Alumínio, SP • 2018**  
**[www.jogodepalavras.com](http://www.jogodepalavras.com)**

Escrevo desde criança,  
Mas não sei até que ponto  
Uma crônica e um conto  
Têm as suas semelhanças;  
Evito a burocracia  
Apelando à poesia.

***Gêneros***



## Prefácio de cinco minutos

Conheci o João Paulo – ou JP, para mim – ainda no Ensino Médio (hoje ele já está no doutorado). A amizade virtual nunca implicou pouca confiança; pelo contrário, serviu até para criar um distanciamento que pudesse me possibilitar admirar uma das coisas que o João faz de melhor: poesia.

Não há como conhecer a prosa deste paulista e não a ver com aquele véu mágico do desvelar de qualquer livro que nos marcará profundamente – alguns de seus contos trazem até o temor de serem relidos, tão intensa que foi a memória da primeira vez (que o diga *Anilina, ziguezague e Désirée*). Mas tenho de ser honesto: João me cativa por sua poesia, a mesma agora que é oferecida em doses generosas neste livro.

Como colega escritor, sei a dificuldade de se despir da camada mais profunda de estética para abarcar a imensidão profunda (e profana, por que não?) de qualquer experiência a ser reduzida num poema. Ser poeta é permitir ser destrinchado com os mais diversos olhos e objetos metálicos... E João renuncia a isso com toda a delicadeza e a certeza suicida de que jamais vai ser o mesmo.

É por isso que João merece ser lido. João deve ser lido.

É uma imensa honra poder apresentar um colega de tantos anos, mesmo assim, num prefácio de cinco minutos. Não há dúvidas de que a leitura não será apenas prazerosa, mas também reveladora, pois bem se sabe que poesia é autópsia compartilhada: cada um em sua imensidão individual transcendendo verdades que, vejamos só, abarcamos coletivamente.

Boa leitura!

**Douglas Maranhão Marques**

*Amigo, escritor e advogado*

## Sumário

Cara poesia escondida aqui dentro,.....	11
Poesia.....	13
So(u)neto.....	15
Voo de borboleta.....	17
Se.gre.do.....	19
Roupa de vilão .....	21
Aproveita, Julieta! .....	23
Homeopatia.....	25
O olhar de um espantalho.....	27
Decênio.....	31
eu descarrilado .....	33
lua de baunilha .....	35
urso panda .....	37

madrugada de novembro .....	39
filosofia .....	41
poesia da fome .....	45
porta-sentimentos .....	47
intemperança .....	49
Eles só queriam o sábado outra vez.....	51
Amor em dúzia de pitanga .....	53
A mentira de Berta.....	55
Pocotó, pocotó.....	57
A não ser que os elefantes chorem.....	58

## **Cara poesia escondida aqui dentro,**

Vem, minha amada, preciso de ti,  
Tenho que desabafar emoções.  
Vem, pois a prosa me faz reprimir  
Meus sentimentos e minhas paixões.

Sei que nós dois não nos damos tão bem.  
Foges de mim na leitura e na escrita,  
Fazes de ingênuo, que te abandonei.  
Só abandonei na verdade a bonita e  
Forte feição de pessoa erudita.

Mas finalmente chegou o momento  
De redimir-me e pedir-te perdão,  
Cara poesia escondida aqui dentro...

Peço somente: atendas-me; limpes  
Meus torturantes bloqueios de nervo.  
Como não gostas de cartas tão simples,  
Em decassílabo, então, eu te escrevo.



## Poesia

Os versos desta poesia laboriosa  
Um dia foram simples à minha maneira,  
Tímidos que iniciaram minha carreira  
E que subitamente troquei pela prosa.

Meu coração não seguiu o esquema de rimas,  
Bateu somente para os períodos compostos,  
Compôs parágrafos, expandindo seus focos,  
Prorrompeu as métricas, alterou o clima.

Verso *versus* prosa, apenas um me ganhou.  
Se tento escrever um poema, calma peço:  
A folha branca na frente é branca no verso.

Diversificada se desversificou  
A versatilidade que foi minha um dia.  
Triste lamento: “Não sei mais fazer poesia”.



## So(u)neto

Ao som do canto melódico  
De certa ave passarinha,  
Sua alma (e parte da minha)  
Cruzou o celeste pórtico.

O frio sofrimento gótico,  
Que me escalou a espinha,  
Adormeceu dons que eu tinha:  
Dom palatal, tátil, ótico...

Minha avó — anjo risonho  
Que fazia pães de mel —  
Agora mora no céu;

Mas noto com os meus sonhos  
Que, uma vez Aparecida...  
Para sempre em minha vida!



## Voo de borboleta

Descasula adolescente,  
Quando nem sequer avisa,  
Desabotoa a camisa,  
Abre as asas bem contente.

Voa leve como a brisa,  
Feito seda do oriente,  
Fascinando toda a gente,  
É a mais bela poetisa.

Borboleteia por cá,  
Borboleteia por lá,  
Vive a borboletear!

Porém, vaga com sua alma,  
Vaga sempre muito calma:  
Ela é muito de vagar!



## Se.gre.do

O dicionário traz uma definição:

Aquilo — sigilo — que é confidencial,

Que, se descoberto, pode até ser mortal:

O medo do escuro, uma intensa paixão...

Quando bem guardado, resiste a um vendaval!

Consegue-se esconder do pai, da mãe, do irmão...

Do melhor amigo, não adianta esconder, não.

— Isso seria um impulso incondicional?

Às vezes, temos vontade de expô-lo ao mundo,

Revelar o que sentimos de mais profundo,

Mas a razão felizmente nos cala a boca.

Sim, o segredo é a mais louca das coisas loucas.

É sempre num papo ordinariamente vil

Que, quando percebemos... Opa, escapuliu!



## Roupa de vilão

Vilão que é vilão anda sempre chique:  
Com casacos de pele ou de veludo,  
Com detalhes de prata em quase tudo.  
E isso não se compra em qualquer boutique.

Vilão que é vilão não tem tempo, não,  
Nem para desenhar as roupas que usa,  
Pois está sempre pensando em confusas  
Estratégias para pôr em ação.

Vilão que é vilão contrata estilista  
Para ficar com visual fantástico.  
Depois, vem o problema que já é clássico:  
Vilão que é vilão nunca paga à vista.



## Aproveita, Julieta!

Os olhos lacrimejam, mesmo opacos:  
Excesso de tesão a ser drenado!  
Julieta, aproveita urgentemente  
Que Romeu te ama e não é teu parente!

Há, por trás do romantismo insistente,  
Quatro arrobas de carne adolescente.  
Nem lhe cresceram pelos no sovaco;  
Porém, já carrega hormônios no saco.

Aproveita, Julieta! Aproveita  
Enquanto Romeu inda nem é homem,  
Enquanto tem um tanque no abdômen.

Aproveita, Julieta! Aproveita,  
Pois tudo que é novo, um dia, envelhece;  
Pois tudo que é duro, uma hora, amolece.



## Homeopatia

De três em três gotinhas, sem ter pressa...

Mas quero tomar logo o frasco inteiro,

Esperando que a reação adversa

Seja ficar grudado ao travesseiro.

Se eu pudesse, me renderia fácil

Ao sonho de sonhar eternamente.

Gostaria que um pouco de potássio

Fizesse adormecer a minha mente.

Eu sou assim: não tenho meio termo;

Ou é pesadelo ou conto de fadas.

Explodo de alegria, mesmo enfermo,

Ou (no caso) deixo que a dor me invada.



## O olhar de um espantalho

O espelho reflete  
o que há na frente  
dele.

Espelho  
em frente de espelho  
enfrenta o infinito.

Dele,  
na frente, o que há,  
reflete o espelho.

Três vírgulas  
ajudam a refletir,,,  
macarrônica reticência.

Dentro dos espelhos,  
os dois que se tornam um,  
há apenas as três.

Para sempre.

Ou até que o olhar  
enrugado  
de um espantalho aponta.

Retém a eternidade.  
Éter na idade.  
Suga, a ruga;  
sem íris;  
o botão, tão opaco à cor.

O espantalho repele  
com o que há na pele dele,  
na pele nele.

Espantalho  
em frente de espelho  
repele o próprio reflexo.

Re... (Espalha-se!)

Não se consegue ver.  
Seco segue verificando  
cada canto,  
cada pixel,  
em cada um  
dos dois espelhos.

Nada encontra,  
tudo é contra.

Pararam de espelhar,  
desespero,  
ex-espelhos.

Já não há o três.  
O espantalho chora que vai morrer.



## Decênio

Alguém acredita que já faz dez anos  
Que o curau de milho acabou,  
Que a cadeira de balanço quebrou,  
Que o olor primaveril se desvaneceu  
E que o segredo do feijão se perdeu?

Completa um decênio de saudades  
Do riso com o pisca-pisca todo enrolado,  
Das caminhadas pelo atalho cheio de mato,  
Da preocupação em cobrir minha cabeça antes que eu  
dormisse  
E do aparelho de som que mesclava Teodoro e Sampaio  
com Padre Marcelo Rossi.

Restam apenas as lembranças  
Das histórias sobre a infância dura,  
Das piadas com a própria dentadura,  
Da palavra “agotano”, que, mesmo eu gostando,  
Nunca precisou de um significado.

Ainda me lamento

Pelas louças quebradas sem motivo,

Pelo suco de manga nunca bebido,

Pela minha desobediência – ou seria molecada? –

Que um dia te responsabilizaram pela minha queda  
da escada.

Após uma década, fica a vontade

De contar que agora eu tenho diploma de mestre,

Que escrevo, que leciono, que reviso, que sigo com a  
confiança que me deste.

Vontade de agradecer por ter me defendido tanto

E revelar que cada sonho contigo é um presente santo.

Queria te dar mais um abraço,

Um cafuné, um beijo... algum laço!

Quem sabe até te levar à praia?!

Queria ouvir de novo a tua voz.

E poder, mais uma vez, te chamar de avó.

## **eu descarrilado**

o que mais quero

é um trem de ferro

para

carregá-lo com o rancor

que meu ego inflamado alimenta

pilotá-lo a todo vapor

soltando fumaça pelas ventas

disparar o apito que

ocultará os meus gritos

desesperados

e acelerar com vontade

sem limite de velocidade

pelas trilhas dos meus sentimentos

aprisionados

atropelando plantios de trigo

massacrando qualquer inimigo

causando torturante sofrimento

sem parar no fim da linha

destinando ao precipício  
de mim mesmo  
reconsidero se  
o que mais quero  
é um trem de ferro

porque  
felicidade deriva da dor  
mas não a dor proposital  
e sim a provocada por  
espontaneidade  
então precisa ser controlada  
com carícias na alma  
com dulcificação  
driblando o lado ruim  
fazendo o peito inflar  
e depois esvaziar  
como uma gaita de fole

o que mais quero  
é um trem de maria-mole

## lua de baunilha

a lua  
tem sabor de baunilha  
como a melodia  
tem sabor de rock'n'roll  
e para combinarem na etimologia  
bau'n'ilha também se apostrofou

porque a lua  
é um baú e uma ilha  
ilha de fantasias  
baú de inspirações  
que em todos os cantos  
poetisa aos tantos  
e estimula seduções

mas a lua  
antes de ser lua  
tinha outra etiqueta  
e na luna desfeita

carregava o ene  
da beleza imperfeita

e a luna  
era duna  
era runa  
era tuna

la luna  
era endiabrada  
sabor de baunilha estragada  
nada terno  
que só de olhar pro externo  
conforme os conformes  
deveria receber o nome  
de inferno

## **urso panda**

menina beija menina  
o estereótipo  
se pulveriza na nitroglicerina

dantes  
preto e branco  
não dividiam mesmo patamar  
urso pardo e urso polar

agora  
preto no branco  
tocam a mesma banda  
urso panda

Nas minúcias,  
devia-se manter a gramática.  
/alicençapoéticasesmostra---liberástica

aperto de mão

virou

high five

sexo que era amor

virou

test-drive

som

virou

pauta sem clave

mundo virou

virou

virou

virou

e estreou novo hino

— protótipo —

menino beija menino

## madrugada de novembro

a vassoura  
varreu com tudo  
as estrelas  
para dentro do  
chapéu pontiagudo

adeus, outubro!

o crucifixo  
cruza o que ainda lembro  
e os espíritos santos  
colhem as dores  
e guardam segredo

olá, novembro!  
a pétala vermelha  
desabrocha cheirosa  
um veludo púrpura  
na pele mimosa

na madrugada chuvosa  
o coração poético  
se refaz em prosa  
e a poesia entrosa  
um chá  
de rosas

sinto em mim  
um novo membro  
novembro

curto o momento  
enfrento a saudade  
e apenas relembro

## **filosofia**

o meu pensamento

é grande

maior

que uma canção

que um elefante

que um estádio de futebol

o meu pensamento

é comprido

mais que

uma régua de confecção

uma ponte flutuante

o rastro de um caracol

o meu pensamento

é longínquo

mais que  
o Azerbaijão  
tudo que veio antes  
a superfície do pôr do sol

o meu pensamento  
é mais

mais grande que comprido  
mais comprido que longínquo  
mais longínquo que grande

porque quando penso  
tenho meu próprio universo

e penso  
que as pessoas também pensam  
são mais de 7 bilhões  
criando seus próprios versos

então o pensamento  
é grande, comprido e longínquo  
7 bilhões de vezes mais

mas também penso  
que é assim com os animais  
e há muito mais bicho que gente

e se o direito de pensar  
também é dos animais  
também é dos outros seres  
fungos, parasitas, bactérias, vírus  
bonsais, capins, maçãs, lírios

e se penso em todos esses pensamentos  
esses pensamentos fazem parte do meu pensamento  
e pensando sobre isso  
meu pensamento é meu próprio pensamento sobre  
pensamentos

assim meu pensamento

é o maior, o mais comprido e o mais longínquo

só não é maior, mais comprido e mais longínquo

do que o pensamento daquele que me lê

porque este é tudo isso

e mais um

## **poesia da fome**

poesia dá fome  
e o poeta come

é antropófago  
come vírgulas  
e vesículas

aumenta sua palavra  
alimenta-se desta lavra

concomitantemente  
o poeta sente  
o buraco do estômago  
o vazio do âmago  
o sentimento flâmeco

faminta-se do amor  
o cruel, o concreto, o real  
já que só vivencia

seu eterno voo de condor  
o benévolo, o abstrato, o ideal

poesia dá fome  
e o poeta come versos  
se não sustenta por inteiro  
*sostenersi per mezzo.*

## **porta-sentimentos**

o sólido

papel higiênico

coletou minhas lágrimas

forma líquida

e oblíqua

escorrida

da abstração

da minha vida

o sólido

papel higiênico

coletou minha coriza

ojeriza

forma pastosa

e viscosa

assoada

duma depressão

enclausurada

(que fique claro: meus sentimentos

são gasosos e somente coletados

em papel higiênico perfumado)

## intemperança

mãe

qual era mesmo o nome  
do tempero que me pediu pra comprar?

saí de casa tão rápido  
sem ouvir o que me pedia  
(sem medir que me possuía  
cem por cento só de lava)  
sem falar como a amava

fora novamente o eu  
que não me encontrava

quis o carro e a liberdade  
nada do abraço do cinto  
nada, nada (me) sinto  
nadando no vazio de um pensamento cheio...  
nada de atentar ao sinal vermelho

mãe

desculpa se não voltei com o tempero

que me pediu pra comprar

## Eles só queriam o sábado outra vez

A aveleira é um veleiro  
à menina e ao menino  
sentados sobre o solo  
sob o solo dum passarinho.

O cheiro da grama,  
o recheio do pão,  
o soar da rama,  
o suor da mão.

Ele, oferecendo um abraço,  
estilhaço de céu;  
ela, sorrindo os cílios  
cintilantes de sol.

O cheiro do pão,  
o recheio da rama,  
o soar da mão,  
o suor da grama.

Seus lábios se aproximaram  
de modo congênito:  
protagonizaram o menino e a menina  
um ósculo primogênito.

O cheiro da rama,  
o recheio da mão,  
o soar da grama,  
o suor do pão.

Beijo perpetuado num poema  
redigido em avelã  
dirigido em câmera lenta,  
digerido pela manhã.

O cheiro da mão,  
o recheio da grama,  
o soar do pão,  
o suor da rama.

## Amor em dúzia de pitanga

Amor é fruta pouca  
que se come de punhado  
e empenha-se em sorrir  
enquanto pestaneja às pitangas.

Pitangas veem e vão,  
vêm em vão  
no vão de bosque algum  
e buscam, na sua acidez,  
a lucidez do que observam.

O amor, ser translúcido,  
induz as pitangas,  
em dúzia,  
a guardar seus segredos...

... até que escorreguem  
*tutti-frutti*'mente  
pela faringe.



## A mentira de Berta

Berta, a estagiária,  
está geando em seu fosso:  
a face triste  
traz a lã da echarpe  
enlaçada no pescoço.

Todos olham, advertem:  
há de haver uma explicação!  
Verte suor na venta  
com os 25 graus  
de verão.

Berta (amém!) tira o cachecol,  
desencaixando o véu da inocência  
e revelando a mancha  
que desmanchou a confiança  
em seu próprio patrão.

As colegas, em combinação,  
disfarçam, suspeitam,  
peitam o chefe com o olhar.  
“Óleo de ameixa  
me deixa com comichão”.

Berta mente abertamente.  
A mente aperta em pressão:  
nem sendo muito mente aberta  
para cegar-se à violação.

## Pocotó, pocotó

Se o cavalo falasse português,  
será que alguma vez reclamaria  
da ousadia do jóquei que desfez  
de sua rapidez na correria?

E se revoltaria da altivez  
em chicotar-lhe a tez dia após dia  
para, com rebeldia descortês,  
privar-lhe da (honradez!) cavalaria?

Ou se tornaria um cavalo mudo?  
Crina baixa, aceitando, quieto, tudo,  
como a população malgovernada?

É bem capaz que não fizesse nada!  
Continuasse a equina e constrangida  
vidinha de um cavalo de corrida.



## A não ser que os elefantes chorem

Vem no vento o bramido adocicado  
mergulhado em glicose cor-de-rosa:  
lamento de elefanta em polvorosa;  
torrões às toneladas, tilintado.

Sonoridade triste, mas em prosa-  
-poética com tom acinzentado:  
morrera-lhe o filhote – envenenado!  
Melindrosa e melada, era a melosa

vozinha-caramelo que sofria.  
(E cuja melodia me iludia  
no aroma de um limão dulcificado.)

Aliás, taramelo dia a dia:  
da aliá a melodia demolia-  
-me em lago lacrimoso-açucarado.

Obra produzida com exclusividade para a  
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2018.